

“GEOGRAFIA DO ACOLHIMENTO NA CIDADE”, UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DO PROJETO MODOS DE APRENDER NA UNIVERSIDADE: DA AUTORREGULAÇÃO AOS PROJETOS DE VIDA

**JOSÉ LUIZ LOURENÇO RIBEIRO¹;
LOURDES MARIA BRAGAGNOLO FRISON²**

¹Universidade Federal de Pelotas – loubeyro@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – frisonlourdes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Diferentes aspectos multidimensionais perpassam os processos de aprendizagem dos indivíduos. Quando observamos dificuldades neste caminho ou trajetória no ato de aprender, podemos relacionar essas oportunidades a essas dimensões. Tais aspectos também podem ser relacionados ao processo de aprendizagem dos estudantes universitários da UFPel, com isso, temos a proposta da autorregulação da aprendizagem como um mecanismo de superação dos diferentes obstáculos encontrados no caminho do processo de aprendizagem.

A autorregulação da aprendizagem se refere aos instrumentos que cada ser humano encontra para assimilar determinados conteúdos e tarefas, neste caso, a aprendizagem de diferentes conteúdos oriundas da rotina acadêmica. Para B. Zimmerman (1989), este recurso é um conjunto de processos metacognitivos, motivacionais e comportamentais que são desenvolvidos conjuntamente para a compreensão de determinados conteúdos¹. Frison (2016, p.03) complementa que: “Sob essa ótica, a autorregulação da aprendizagem é entendida como o controle e a regulação do próprio estudante sobre seus pensamentos, cognição, afeto, motivação, comportamento e ambiente, em prol de objetivos acadêmicos”.

Neste sentido, o GEPAAR (Grupo de Estudos e Pesquisa da Aprendizagem Autorregulada) desenvolveu um conjunto de intervenções com intuito de auxiliar estudantes universitários da UFPel a compreender os obstáculos que interferem na busca de seus objetivos de aprendizagem, e a desenvolverem instrumentos de superação dos mesmos. Criou-se, então, o projeto “Modos de Aprender na Universidade: da autorregulação aos projetos de Vida” que busca instrumentalizar estes estudantes sobre tais processos de aprendizagem. Dentro deste projeto, foi desenvolvido a intervenção “Geografia do acolhimento na cidade” que buscou problematizar a respeito de uma das características da UFPel-Universidade Federal de Pelotas, o distanciamento de suas unidades acadêmicas e as implicações disso no processo de aprendizagem dos estudantes. O objetivo deste trabalho é descrever os processos desta intervenção.

Por ser uma instituição federal de ensino superior com dezenas de cursos em nível de graduação e pós-graduação, a UFPel tem no Sistema de Seleção Unificada (SISU) o principal instrumento de ingresso de estudantes à instituição, muitos destes advêm de outros municípios brasileiros, o que colabora com a multiplicidade social e cultural que podemos encontrar na Universidade Federal de Pelotas. Estes estudantes egressos de realidades distintas, se deparam com uma universidade sem campus único, diante disso, há a necessidade de se mergulhar na cidade. Por estar dispersa no município de Pelotas é indissociável

¹ As dimensões cognitivas/metacognitivas estão relacionadas à execução e à organização das tarefas, e implicam organização, regulação e mesmo avaliação do uso das estratégias cognitivas adotadas (FRISON, 2016, p.06).

pensar a UFPel sem os espaços e tonalidades desta cidade, o que implica diretamente na formação e ocupação destes estudantes. Visualizando esta perspectiva, as professoras Dr^a. Liz Cristiane Dias e Dr^a. Lourdes Frison coordenaram a organização da oficina “Geografia do Acolhimento Universitário na Cidade”, com o intuito de dialogar com estes estudantes e construir estratégias de amortecimento destes obstáculos, que surgem mediante esta característica espalhada da Universidade Federal de Pelotas.

2. METODOLOGIA

A intervenção desenvolvida foi organizada atendendo a um cronograma de encontros previamente demarcados. Em cada encontro se discutiu um aspecto diferente para se desenvolverem as problematizações propostas pelo grupo. Na primeira reunião, a mediadora explicou sobre a complexidade da inserção da UFPel na cidade de Pelotas e a possível implicação disso para aqueles que adentram na instituição, neste primeiro dia cada participante foi desafiado a falar de sua história de vida através do “self-narrativo” se utilizando de um boneco em papel para a descrição de suas características.

No segundo encontro foi organizado uma roda de conversa onde os participantes que já estiveram em uma graduação puderam dialogar a respeito de suas trajetórias acadêmicas e as implicações sociais e emocionais desta rotina. Neste mesmo dia os participantes recém ingressados falaram de seus percalços na instituição. Ao fim do diálogo, cada um dos participantes criou dois mapas mentais, um espacializava os pontos de afeto e outro simbolizava os seus lugares de repulsa. Este encontro foi finalizado com a discussão dos mapas construídos.

Figura 1. Práticas da Oficina “Geografia do acolhimento na cidade”



Na figura a esquerda vemos o 'quadrado' durante a saída de campo, a direita vemos a construção do mapa colaborativo. Fonte: Registrado pelo autor.

O terceiro encontro foi dedicado a saída de campo (Figura 1), onde, foram visitados os principais pontos discutidos na reunião anterior. Em cada ponto houve um momento para fotos e problematização dos seus aspectos para a aprendizagem dos participantes. Os pontos visitados foram os campus 'ICH', 'IAD' e 'Faurb', além do 'Quadrado' na rua Cel. Alberto Rosa e a Rua José do Patrocínio local de festas e atividades culturais.

Ao fim das observações, foi construído um mapa colaborativo (Figura 1), construído a partir da visão e com elementos marcantes para cada um dos participantes. A última reunião teve como objetivo conectar os diferentes aspectos levantados pelas discussões anteriores aos pontos espacializados no mapa colaborativo. Ao fim destas discussões houve a avaliação da oficina e a escrita de cartas dedicadas aos futuros estudantes da UFPel.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das discussões geradas durante a prática da intervenção ‘Geografia do acolhimento na cidade’, diversas questões foram tratadas e problematizadas, grande parte delas emanaram do conflito gerado por realidades tão distintas. Uma diz respeito a característica desagregadora da Universidade Federal de Pelotas e outra está contido nas diferentes concepções de mundo de cada estudante que participou da oficina. Ambas, são dificuldades que podem interferir no processo aprendizagem dos alunos, problema este que pode afetar não apenas os estudantes, mas a própria instituição, que depende deste processo de aprendizagem para a formar futuros profissionais e para o desenvolvimento pleno de suas pesquisas.

Indiscutivelmente, essa face de distanciamento das unidades acadêmicas da UFPEl é um ponto central, o que gerou um intenso debate não apenas com tonalidades críticas, mas também com propostas, que na visão dos estudantes, podem aliviar parte das dificuldades geradas por essa característica. Uma dessas propostas diz respeito a criação de centros de convivência contínuo nos diferentes campus da universidade, uma forma, segundo eles, de aproximação dos alunos e das diferentes unidades acadêmicas.

Um dos pontos de discussão estava na participação dos veteranos neste processo de ‘aclimatação’ dos novos estudantes, neste caso, em específico a empatia é um fator relevante e essencial para o desenvolvimento dessas relações ‘veteranos vs ingressantes’, o que torna importante essa comunicação devido as diversas atividades culturais realizadas na cidade, fator amenizador das primeiras impressões que o choque gerado pelo processo de desterritorialização² de quem chega na UFPEl sente.

Outro aspecto relevante estava contido nas características subjetivas de cada estudante. Essas pessoas se deslocam de suas cidades, saem do meio de suas famílias e ambientes culturais, e se deparam inicialmente sozinhos em Pelotas, para o início de suas trajetórias acadêmicas na UFPEl. Este ponto pode traduzir uma certa deficiência da própria instituição e do poder público em administrar o surgimento destes traumas, gerados pelo distanciamento dos seus locais de origem e afeto, que grande parte destes estudantes vivencia.

Com a vinda desses estudantes em busca de uma vida desencadeada pela rotina universitária, é interessante explanar o conteúdo vivido de cada um desses estudantes. Saber a dimensão desses contextos pode ser enriquecedor para a universidade, além de desencadear uma nova forma de ocupar a mesma, desde a transformação destes espaços físicos e até as metodologias de ensino. Durante a saída de campo é relevante mencionar a busca por locais com características ambientais próximas dos lugares vivenciados pelos estudantes. Cabe aqui ressaltar que a ambiência é uma característica única e vital para o processo de aprendizagem³, visto que, necessitamos de locais confortáveis para o estudo.

² Segundo Haesbaert (2016, p. 08) e Souza (2013, p.84), o processo de desterritorialização, basicamente diz respeito à perda de território, ao distanciamento dos vínculos que balizam a constituição da essência subjetiva dos indivíduos.

³ Conforme Boruchovitch (2019), há uma relação triádica para os processos de aprendizagem, onde as características pessoais (interna), comportamentais e ambientais se relacionam mutuamente no processo de autorregulação. Este entrelaçamento é responsável pelo ‘feedback’, orientando o indivíduo para a adaptabilidade dessas estratégias de aprendizagem.

4. CONCLUSÕES

Podemos salientar que, sem o diálogo entre a instituição, seus colegiados, professores e alunos, possivelmente as problemáticas relacionadas ao aprendizado não serão solucionadas e nem amenizadas. O processo de autorregulação da aprendizagem exige do aluno uma gama de fatores, alguns destes influenciados pelo meio social (BORUCHOVITCH, 2019), se estes aspectos são negligenciados haverá uma deficiência deste processo de aprendizagem e exigirá do aluno outras estratégias de superação destes obstáculos, oriundos do não enfrentamento da realidade universitária da UFPel.

Por outro lado, com o diálogo destes grupos possivelmente teríamos um ambiente propício ao enfrentamento dos percalços acadêmicos aqui mencionados. Neste sentido é preciso uma gama de práticas que podem ir desde o apoio psicoterapêutico, conteúdos específicos para o ensino da aprendizagem e até a capacitação dos docentes. Conclui-se que o conhecimento do ensino dessas estratégias de aprendizagem é de extrema relevância, pois não apenas encaminha novas possibilidades de aprendizagem dos alunos como incentiva a instituição universitária a possibilitar mecanismos que possam auxiliar neste desenvolvimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORUCHOVITCH, Evely; GOMES, Maria Aparecida. Aprendizagem autorregulada: Como promovê-la no contexto educativo?. Campinas: Vozes, 2019.

FRISON, L. M. B.. Autorregulação da aprendizagem: abordagens e desafios para as práticas de ensino em contextos educativos. Revista Educação PUC Campinas, v. 21, p. 1-18, 2016.

HAESBAERT, R. BRUCE, G. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. Revista do programa de pós-graduação em Geografia da UFF, Rio de Janeiro. v. 4, p 1-15, 2002.

SOUZA, M. L. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2013.

ZIMMERMAN, B. J. Models of self-regulated learning and academic achievement. In Zimmerman, B.J & Schunk, D.H. (Eds), *Self-Regulated Learning and Academic Achievement. Theory, Research and Practice*. Progress in Cognitive Development Research. New York:Springer-Verlag. p. 1-26. 1989.